

Definição Política Das Classes Armadas

Raul Pilla

De um modo geral, parece ter razão All Right. A Marinha Brasileira é historicamente liberal e parlamentarista; o Exército, influenciado pela escola positivista e pelos acontecimentos precursores da proclamação da República, é historicamente presidencialista e tendente aos governos fortes. Mas isto é apenas uma divisão esquemática, que representará mal a realidade histórica, se não se considerarem as numerosas e significativas exceções.

Assim, a Revolução Federalista, irrompida no Sul, a que pouco depois se incorporou a Revolta da Armada, teve o devotado concurso de numerosos oficiais, do Exército. Basta lembrar Plácido de Castro, Isidoro Dias Lopes, Aristides Sampaio, José da Cunha Rasgado, Mário Galvão, Laurentino Pinto, que também lutaram ao lado da Marinha e dos Federalistas, pela democratização da mal nascida República.

Mas, se isto se verificou naqueles primeiros e tormentosos anos do novo regime, menos exato, do que naquela época, me parece hoje o esquema. A Marinha conservou a sua posição histórica, pois os eventos subsequentes, até à presente degradação do regime, não poderiam deixar de a confirmar. Mas o Exército teria de ser trabalhado por estes mesmos fatos, por esta desastrosa experiência histórica. Além disto, dissipou-se completamente, no seio d'êlé, a antiga influência positivista, originada no prestígio pessoal de Benjamin Constant, e para os complexos problemas da Arte Militar moderna, tão distantes da filosofia comteana, se voltou a sua atenção. Conta hoje o Exército, em seu seio, ainda numerosos presidencialistas, muito maior número de oficiais que não se detiveram no problema institucional, e também um número crescente de parlamentaristas.

A melhor prova disto é a sondagem por mim feita entre altas patentes militares, a que se refere All Right. Além do ministro da Guerra do sr. Café Filho, que já na época poucas dúvidas me deixou quanto à sua concepção de democracia, ouvi também os srs. marechal Mascarenhas de Moraes e general Canrobert. E ambos, sem a mínima hesitação, manifestaram-se de acôrdo com a reforma parlamentarista, como meio de resolver a crônica crise política brasileira.

E a Aeronáutica, a mais nova das nossas corporações militares? Em verdade, o Brigadeiro Eduardo Gomes não deu o seu apoio à reforma, mas o fez em termos absolutamente corretos: não era problema das Classes Armadas e estas aceitariam a solução que lhe desse o poder competente.

Entretanto, não se pode dizer que, com esta manifestação do seu expoente máximo, seja presidencialista a Aeronáutica. Não teria, para isto, sequer os motivos históricos do Exército. E a prova é que um dos seus mais ilustres representantes, o Brigadeiro Guedes Muniz, considera irremediavelmente falido o presidencialismo e vem preconizando a instituição do govêrno colegiado no Brasil. Não há, pois, uniformidade de pensamento na Aeronáutica, quanto a sistemas de govêrno.

Estas são as observações que me sugeriram as considerações do brilhante comentarista do «Correio da Manhã», a respeito da definição política das Classes Armadas.